

ZERO

S E M A N A L

Ano VIII
nº 7

Jornal Laboratório — UFSC/CCE/COM — Florianópolis, 7 a 13 de novembro de 1990.

NA ÍNTEGRA

A Carta de
Florianópolis

página 7



Deise Freitas

Tudo o que
um aprendiz
quer e teme:
ser lido
pelo mestre.
O repórter
José Hamilton
Ribeiro, um
dos mestres.

JORNALISTAS DECIDEM NÃO SE ENTREGAR

“Onde estão os repórteres desvendando os fios que vinculam garimpeiros e políticos, Funai e empresas mineradoras, genocídios indígenas e investimentos transnacionais na Amazônia? Quem controla e lucra com a indústria bélica brasileira, uma das dez maiores do mundo?”

Por que os consumidores brasileiros serão obrigados a comer a carne contaminada pela radiação nuclear da usina de Chernobyl e estocada há anos no Rio Grande do Sul? Como e onde candidatos a funções políticas arranjam milhões de dólares para fazer suas campanhas? Por que a questão fundiária só chega ao noticiário por seus efeitos trágicos e nunca por suas causas econômicas e políticas?...”

Trecho do discurso do Frei Betto, na abertura do 24º Congresso Nacional dos Jornalistas.
A cobertura está em todas as páginas desta edição.

Acabou a festa,
agora começa
tudo de novo

Santa Catarina enfrentou e venceu mais um desafio nacional. Os Congressos são, em geral, memoráveis sempre que realizados em Santa Catarina. Modéstia, ora, que modéstia que nada, principalmente porque o Departamento de Comunicação pouco ou nada teve a ver com as coisas bem feitas desse Congresso. Daqui, de fora, parabéns à meia dúzia de três ou quatro do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina que carregou o piano.

O Zero, agora em sua fase semanal, aceita críticas, que podem ser remetidas ao endereço abaixo. Alguns jornalistas presentes ao Congresso sentiram-se estimulados a contribuir com sugestões e observações a respeito desta experiência. Sintam-se à vontade. Afinal, Laboratório é pra isso mesmo.

Algumas páginas deste número foram diagramadas durante o Congresso, na sala de imprensa, à medida em que as primeiras matérias iam ficando prontas. Acabamos ocupando máquinas de escrever e espaço que a organização tinha reservado para os profissionais. Os aprendizes pedem desculpas pelo transtorno e ao mesmo tempo agradecem, pela possibilidade de convívio e pela paciência com que foram tratados.

ZERO



Melhor
Peça Gráfica
I, II e III Set
Universitário
Maio 88
Setembro 89
Setembro 90

Jornal Laboratório do Departamento de Comunicação do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Editado sob a responsabilidade do Laboratório de Jornalismo Gráfico.

Supervisão: Jornalista Prof. Cesar Valente (Reg. 706 SC)

Colaboração: Jornalistas Professores Ricardo Barreto, Luiz A. Scotto de Almeida e Gilka Girardello.

Redação: CCE COM UFSC, Campus da Trindade, 88035 - Florianópolis - SC - Brasil. Fone (0482) 31-9215 e 31-9490. Fax (0482) 33-4069.

“Só o diploma pode moralizar o jornalismo”

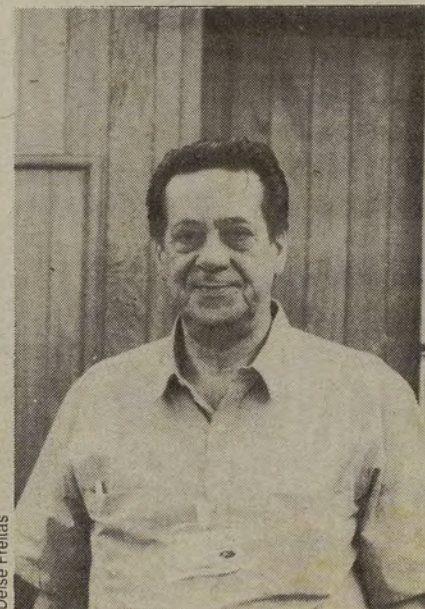
Raquel D'Ávila

Perseu Abramo, sociólogo, jornalista e membro da direção nacional do Partido dos Trabalhadores, defende o diploma como a única maneira de renovar o jornalismo e moralizar a profissão. O argumento principal é de que a extinção da obrigatoriedade do diploma traz também o fim da regulamentação da profissão e conseqüentemente, a “possibilidade de distorcer as informações”.

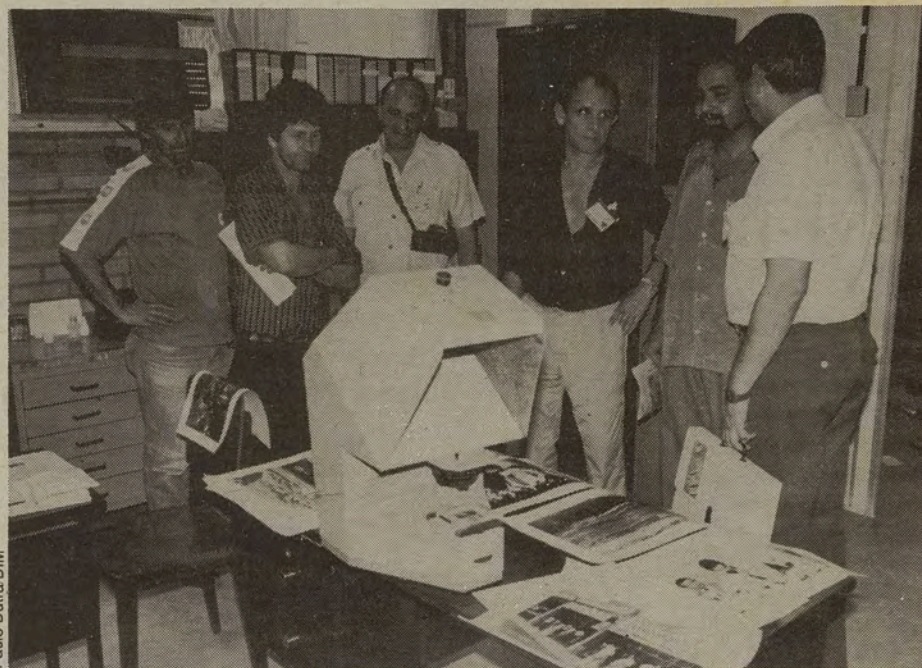
Segundo ele, a categoria deve se mobilizar para, através dos sindicatos, pressionar os empresários que são os maiores interessados na extinção do diploma. É preciso evitar o aumento da exploração dos jornalistas, que coloca em risco a qualidade de informações. Com o fim do diploma a sociedade não terá mais as garantias e os parâmetros éticos de um profissional.

Perseu garante que a adaptação do “foca” no mercado de trabalho, ao contrário do que muita gente pensa, não é tão difícil. Ele já sai da universidade com base técnica, teórica, e sua participação nos jornais-laboratórios dá a experiência de uma redação. “O jornalista iniciante deve ser criativo para desenvolver seu próprio mercado”, completa.

Ele também ressalta que não é só com bons jornalistas que se faz um bom jornalismo. Para ele é necessário que o leitor cobre, exija e reclame. Prova disso é a seção de cartas num jornal: pouquíssimas pessoas questionam o que foi publicado.



Perseu Abramo



Paulo Dutra DIM

Jornalistas estrangeiros no Dep. de Imprensa e Marketing da UFSC

**Soviéticos e cubanos viram
as condições do Curso de
Jornalismo de Santa Catarina**

Jornalistas estrangeiros visitam o Campus da UFSC

Kátia Klock

Os jornalistas soviéticos Vitali Chestakov e Victor Iouguine, o cubano Miguel Rivero e o equatoriano Jorge Espinoza aproveitaram a tarde de quinta-feira para conhecer o Campus de Universidade Federal de Santa Catarina. Acompanhados do diretor do departamento cultural e de relações internacionais da Fenaj, Ramsés Ramos, eles visitaram a Assessoria de Imprensa, a Imprensa Universitária, o Escritório de Assuntos Internacionais na Reitoria e o Curso de Jornalismo.

O chefe do departamento de Comunicação, Paulo Brito, recepcionou e conversou com os convidados internacionais sobre currículos, intercâmbios e a possibilidade de traduzir publicações da Organização Internacional dos Jornalistas (OIJ) através da Imprensa Universitária. Brito tam-

bém distribuiu alguns exemplares do Zerojornal laboratório do curso.

Vitali Chestakov, chefe do departamento internacional da União dos Jornalistas da URSS e Victor Iouguine, secretário da Organização dos Jornalistas de Leningrado, falaram sobre as mudanças na imprensa russa e da liberdade dos alunos universitários, que estão criando associações e entidades estudantis a partir da Perestroika. Miguel Rivero, secretário para a América Latina da OIJ, que está há um ano morando na Tchecoslováquia, explicou como funciona o Instituto Internacional de Jornalistas. O Instituto não forma profissionais, e sim especializa aqueles que já trabalham na área. O jornalista Jorge Espinoza, vice-presidente da OIJ, propôs a assinatura de convênios com a UFSC principalmente com o curso de jornalismo, procurando uma maior integração entre os dois países.

Aula prática

O curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina utilizou o 24º Congresso Nacional dos Jornalistas para complementação das aulas. Os alunos realizaram cobertura em jornalismo gráfico, rádio, televisão e fotografia.

Participaram Andressa Fabris Angelita Corréa, Ana Carine Montero, Claudine Figueiredo Nunes, Cléia Schmitz, Cristiano Prim, Cristina N. Gallo, Deise Freitas, Geraldo Hoffmann, Jani-

ce Barcellos, Jaques Mick, Ivonei Fazzioni,IVALdo Bracil Jr. João Carlos Grando, Karin Veras, Kátia Klock Scardelli, Lauro Maeda, Marli Henicka, Mônica Corrêa da Silva, Maria Paula C. Pereira, Giovana Borini, Ozias Deodato Alves Júnior, Pedro Saraiva, Raquel D'Ávila, Renata Rosa, Susana Napolini, Simone Pereira, Raquel Eltermann, Solon Soares, Christiane Balbys, Walfried Wachholz, Claudia Aguirre.

OS REPÓRTERES

Como não poderia deixar
de ser, as estrelas do
Congresso foram eles

José Hamilton Ribeiro

Jacques Mick

José Hamilton Ribeiro foi o mais antigo dos "dinossauros" da reportagem presentes ao 24º Congresso Nacional dos Jornalistas. Começou a escrever no clube literário da escola em que cursava o científico, no início dos anos 60. Hoje é repórter do programa **Globo Rural** e divide com Antônio Carlos Fon a coordenação do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, na qualidade de vice-presidente.

Jeito de caipira paulista, de cabelos brancos e intermináveis vincos no rosto, Ribeiro é da geração que viveu a reportagem como momento mais rico do jornalismo. Estudava, mas depois de liderar uma greve como presidente do Centro Acadêmico de Jornalismo, foi convidado a não renovar a matrícula na faculdade Cásper Líbero. Voltou para lá anos depois, como professor. Aprendeu na **Folha de São Paulo**, onde trabalhava desde o primeiro ano de curso, nos tempos em que a Folha era ainda "um jornal a serviço de São Paulo".

Entrou na **Editora Abril** na emergente **Quatro Rodas**, de onde em seguida saíram profissionais para as redações das revistas **Realidade**, **Veja**, **Isto é** e para o **Jornal da Tarde**. Passou também por **Realidade e Veja**, antes de voltar às raízes interiores para trabalhar em jornais de Ribeirão Preto, Campinas e São José do Rio Preto por causa do AI-5. Com a abertura, foi para a **TV Globo**, viver outros tipos de censura.

Aos dois anos de profissão, perdeu no sorteio um Prêmio Esso, com uma reportagem sobre as estradas no Centro-Oeste. Depois, foi o repórter brasileiro na Guerra do Vietnã, com 32 anos, o mais jovem dos correspondentes. Saiu do conflito ferido pela explosão de uma armadilha vietconges e virou capa de jornais e revistas.

José Hamilton Ribeiro lia Dostoiévski e, nos tempos de **Realidade**, até vivia como operário para escrever os textos que influenciaram toda uma geração de repórteres, entre eles **Ricardo Kotscho**.

— *Eu tive um pouco de sorte, porque eu acho que repórter é que nem goleiro, se não tiver sorte não se torna bom repórter.*

Antonio Carlos Fon

Geraldo Hoffmann

Os "focas que procuravam o repórter policial que mais incomodou o regime militar, **Antônio Carlos Fon**, no 24º Congresso dos jornalistas, ouviam, invariavelmente, a mesma resposta: "É um nordestino, magrinho, baixinho". Magro ele é, tem mais ou menos um metro e meio de altura e nasceu na Bahia, há 44 anos. Mas depois de conversar com ele, descobre-se que existe chinês com cara de nordestino. É o caso deste filho de chineses do Cantão, que foram barrados pelo serviço de imigração do Canadá, passaram por Cuba e acabaram se fixando no Brasil.

Fon entrou na "grande imprensa" pela páginas do jornal carioca **O Dia**, em 1964, e logo recebeu dos colegas o apelido "doutor por quê" por sua mania de perguntar. Trabalhou nas revistas **Realidade**, **Veja** e **Isto é**. Deixou o emprego de editor na **Quatro Rodas**, para se tornar "chefe de Estado" do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, cargo que ainda exerce, tendo como co-presidente ou "chefe de governo" outro dinossauro da reportagem brasileira, **José Hamilton Ribeiro**.

A reportagem mais conhecida de **Fon** está no livro "**Os Porões da Ditadura**", entrevistas com os torturadores. A edição do livro esgotou, mas o assunto continua rendendo. Atualmente, **Fon** contribui com informa-

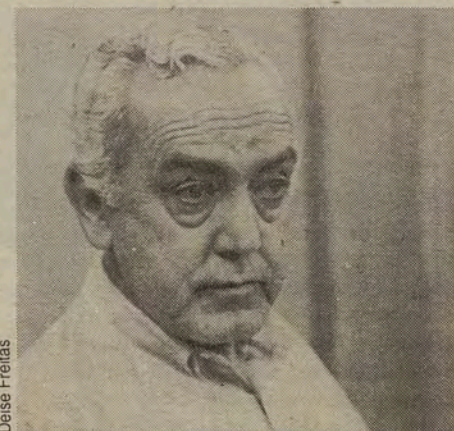
ções para a CPI da Câmara de Vereadores paulista que investiga a descoberta de ossadas de desaparecidos políticos no cemitério de Perus.

— *Todo mundo sabia do Perus. Só que na época ninguém podia ir lá cavar. E a Erundina deu as pás. Este país é um imenso cemitério. A grande merda é que este país vive de verdades oficiais desde o tempo da escravidão.*

Ele fala baixo, "é pro entrevistado prestar mais atenção" e sacanear o repórter que usa gravador, um instrumento de trabalho que jamais utilizou. Detesta também o "policialês", e a gramática de jargões folclóricos de jornalistas que confundem editoria de polícia com distrito policial.

Fon viu muitos repórteres de sua geração idolatrarem e assassinares o estilo Truman Capote - **A Sangue Frio** e não acredita que influências literárias melhorem o texto dos novos jornalistas. Consta que o espaço da reportagem vem sendo abolido desde que "o regime militar começou a matar o repórter com a ditadura das notas oficiais, seguida pela tecnoburocratização da informação, a onda da especialização e a elitização do repórter pelas escolas de comunicação.

Pra melhorar o texto é só fechar as faculdades. E confrontar as notas oficiais com a realidade. Porque, a melhor forma de contar um história ainda são os contos de carochinha".



Acima, José Hamilton Ribeiro. No alto, à direita, Antônio Carlos Fon, e embaixo Ricardo Kotscho: três mitos da imprensa brasileira reunidos em Florianópolis durante o 24º Congresso Nacional dos Jornalistas.



Ricardo Kotscho

Jacques Mick

Ricardo Kotscho, o homem que queria ser padre e acabou virando sinônimo de repórter/reportagem, foi o sujeito mais procurado no 24º Congresso Nacional dos Jornalistas. Perdeu a conta de quantas entrevistas deu desde que desceu no Aeroporto Hercílio Luz, às 17:45 de quarta-feira, 31. Foi o mais requisitado na seção de debates sobre **Democratização da Comunicação**, onde falou do trabalho do jornalista. E, antes de ir embora, já repetia as mesmas piadas de uma entrevista para outra:

— *Como vocês podem ver, jornalismo não é muito bom para os cabelos.*

Repórter especial do **Jornal do Brasil** e professor de Técnica de Reportagem na PUC, em São Paulo, **Ricardo Kotscho** é jornalista há 26 anos. Falou sobre a construção da informação, seus limites e possibilidades no cotidiano, na manhã de 1º de novembro:

— *O repórter deixou de ser a alma e o coração das redações para se transformar num menino de recados do poder, num preenchedor de formulários, num caçador de frases para adaptar a realidade à pauta.*

Kotscho é dos raros repórteres que ainda "fazem do jornalismo e da busca da verdade sua razão de viver" e que "podem ser contados nos dedos e, daqui a pouco, nas orelhas", como diz. Só largou a redação no ano passado, para ser assessor de imprensa do candidato da Frente Popular à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva.

Essa história conta no álbum da campanha presidencial de Lula, "**Sem Medo de Ser Feliz**", e no livro lançado no 24º Congresso, "**A Aventura da Reportagem**", o 13º que escreveu desta vez junto com Gilberto Dimenstein, da **Folha de São Paulo**. Agora, entre uma reportagem e outra do JB, prepara uma ficção para crianças.

Poucas horas antes de embarcar de volta para São Paulo, ainda mostrava paciência para dar mais três entrevistas e conversar com meia dúzia de estudantes de Jornalismo sentados no chão em volta dele. O Presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), que passava por ali, acabou fotografando a cena com palavras:

— *Tá com cara de guru, heii Ricardo?*

O TEMÁRIO

Democratização, ação sindical e ensino do Jornalismo

Na abertura,
preocupação com
o futuro

Quarta-feira, as críticas ao governo

Ivaldo Brasil Jr.

O 24º Congresso Nacional de Jornalistas, realizado entre 31 de outubro e 4 de novembro, trouxe a Florianópolis muitas figuras tarimbadas do jornalismo brasileiro, como Ricardo Kotscho, José Hamilton Ribeiro e Antônio Carlos Fon. Na solenidade de abertura discursaram os jornalista Celso Vicenzi, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de SC, Armando Rollemberg, presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Jorge Espinoza, vice-presidente da Organização Internacional dos Jornalistas, e Frei Beto, teólogo e escritor. Os discursos mantiveram o mesmo tom agressivo contra o governo e o monopólio na área de comunicações, comentando a conjuntura atual do país. Participaram como observadores internacionais o cubano Miguel Rivero e os soviéticos Victor Iouguine e Vitali Chestakoy. O atraso de quase uma hora para o início da solenidade não desanimou ninguém, o tempo foi suficiente para reencontros e muitos abraços.

O primeiro a discursar foi Celso Vicenzi que falou da situação caótica vivida pelo Brasil e disse que neste congresso deve-se tirar propostas para um futuro melhor. Ao falar sobre a possível extinção do diploma de jornalista disse que é desnecessário haver "jornalistas diplomados se os horários nobres das TVs estão reservados ao cooper de Collo". O sucateamento das estações e os mandos-e-desmandos do governo Collor foram duramente atacados por Vicenzi. Ele também destacou a greve dos jornalistas do "jornal de Santa Catarina" e a operação Papagaio de Pirata, quando os jornalista colocaram cartazes reclamando os baixos salários, que foram transmitidos ao vivo nas coberturas televisivas.

As jornadas extenuantes e as condições de trabalho dos jornalistas, além dos baixos salários, foram alguns pontos levantados por Armando Rollemberg em seu discurso. Ele disse esperar que este fosse o mais



Celso Vicenzi analisa a situação do jornalismo brasileiro

importante e produtivo congresso em 44 anos da Fenaj, isto por causa da diversidade de assuntos em pauta. Sobre a luta sindical, ele destacou a redefinição de um calendário que defina uma data base para todos os trabalhadores em empresas de comunicação. A fusão dos sindicatos desta área é a meta principal deste calendário comum.

Rollemberg ainda destacou a primeira reunião do Conselho Nacional de Ética que coordenará a nova lei ou código de imprensa. A Fundação Henfil é outra meta da Fenaj, que tem por objetivo criar atividades culturais. Rollemberg falou sobre o problema dos registros e diplomas dos jornalistas, e pretende sair deste congresso com uma estratégia definida sobre o assunto.

O momento mais esperado desta abertura foi o discurso de Frei Beto. Num linguajar que misturava religião e política, Frei Beto arrancou muitos aplausos do público presente. Ele acabou falando quase o mesmo que os demais que se revezaram na tribuna da Assembléia. Com a frase "o jornalismo é a arte do imprevisto e do improvisado", Frei Beto foi metralhando elegantemente muita gente.

Ele comparou os nichos e oratórios antigos com as televisões e rádios que são venerados hoje em todos os lares. A "igreja eletrônica" não acrescenta nada e já desperta precocemente a sexualidade, é a ética cedendo lugar a estética. Finalizou seu discurso dizendo que os manuais de redação e estilo fariam mais sucesso nas escolas de 2º grau.

Depois da solenidade de abertura

foi oferecido um coquetel no hall da Assembléia Legislativa. A festa contou com a presença de várias autoridades e de um grupo italo-brasileiro que cantou e dançou músicas tradicionais italianas.

Frei Beto quer
saber onde estão
os repórteres

No discurso, sugestões de pauta

Emerson Gasperin

Uma das palestras mais esperadas do 24º Congresso Nacional de Jornalistas era a de Frei Beto. O teólogo e escritor discutiu sobre as relações entre povos e pessoas, destacando a moral e a ética. Para ele, "hoje em dia, moral é tudo que favorece os vencedores".

Preso na década de 70 por dar cobertura na fuga de presos políticos, Frei Beto terminou o curso de Teologia na prisão. De lá para cá, envolveu-se com a Teologia da Libertação e com as Comunidades Eclesiais de Base. Hoje, acusa a mídia de fazer de Saddam Hussein um "belzebu", e esquecendo a intervenção americana em Porto Rico e acha que os jornalistas são "heróis que acreditam que de alguma maneira acharão uma brecha para mostrar o que o povo realmente sente".

Frei Beto fez perguntas que,



Frei Beto, na cerimônia de abertura do congresso



Daniel Hertz, ao microfone, fala sobre a democratização da comunicação

provavelmente, muitos também queriam saber as respostas. "Quem controla e lucra com a indústria bélica brasileira, uma das maiores do mundo? Como e onde candidatos conseguem milhões de dólares para suas campanhas? Por que os planos de saúde são vigorosos na publicidade e esqueléticos na realidade?" finalizando este interrogatório surdo, ele pergunta: "Onde estão os repórteres?" O golpe de misericórdia veio logo em seguida, com Frei Beto sugerindo que, para os jornalistas, "manuais de ética sejam melhores e mais úteis que manuais de redação e estilo".

À procura da
democracia
e da dignidade

Quinta-feira, propostas de reestruturação

Karin Veras

A democratização da comunicação só pode acontecer através de políticas públicas e da própria atuação profissional. Foram estes os temas discutidos na primeira manhã do Congresso por Daniel Herz, Ricardo Kotscho e Francisco Karam.

Herz lembrou que a luta por políticas democráticas é uma bandeira antiga da Federação Nacional dos Jornalistas e que rádio e TV se constituem legalmente como serviços públicos. Disse que os dirigentes dos meios usurpam a universalidade da comunicação por interesses empresariais. Por isto propôs a ampla reestruturação da rádio e teledifusão no país. O objetivo da luta é fazer com que as leis complementares e ordinárias garantam a função pública dos meios. Para isto apontou uma estratégia dos profissionais da comunicação no sentido de envolver outros setores da sociedade civil e investir concretamente para alcançar objetivos políticos. Indicou a formação de uma Comissão Nacional para cuidar destes assuntos e deu à FENAJ o papel de

articuladora.

"Contar o que está acontecendo". Com esta afirmação aparentemente simples o jornalista Ricardo Kotscho falou sobre o que pode ser feito para salvar a dignidade de sua profissão. Ele explica que o Brasil real foi substituído pelo Brasil oficial, que a imprensa combativa perdeu lugar para imprensa funcionária e que o trabalho de rua foi substituído pelo telefone das redações. Disse que os tecnocratas da comunicação instalaram os AÍs dos Manuais de Redação e que o jornalismo impresso anda a reboque do eletrônico, quando deveria acontecer o contrário. Mas a maior preocupação de Kotscho diz respeito à honestidade do profissional: "podem não publicar tudo que escrevo, mas jamais vou escrever o que não quero". Para ele a possibilidade de democratização começa no dia a dia das redações. Embora aponte o marasmo e o desencanto dos jornalistas atuais, Kotscho acredita que ainda existe gente remando contra a maré. Ele enfatizou a responsabilidade que o profissional deve ter com o seu trabalho. Final: "Não se faz jornal sem jornalista".

Francisco Karam falou do papel do jornalismo contemporâneo e sua ligação com a ética. Lembrando que a ciência e a arte são apropriáveis através dos meios de comunicação, ele disse que o jornalismo é uma forma de se apropriar simbolicamente do mundo. É aí que o código de ética entra como contraponto ao direito de informação. Karam terminou com a citação: "o homem está condenado à liberdade". Justamente porque a escolha do caminho a seguir depende de cada um: "O bem ou o mal é um problema de moral e ética, uma questão de valores".

O dinheiro
parou de cair
do céu. E agora?

Sexta-feira, como manter um sindicato

Christiane Balbys

Durante o debate de sexta-feira à tarde no 24º Congresso Nacional de Jornalistas discutiu-se conjuntura e ação sindical. Foram apresentadas 18 teses para serem vota-

das no final das discussões que acabaram se prolongando até às dez da noite. Um dos temas mais polêmicos do debate foi o imposto sindical, que não está mais sob responsabilidade do governo. Agora o recolhimento da "contribuição", como é chamada pelos profissionais, está por conta dos sindicatos.

O tema foi votado duas vezes, pois, o plenário voltou atrás na primeira decisão que passava para a Fenaj o salário de um dia de trabalho do jornalista. Os sindicatos teriam que conseguir a sua parte de outras formas. Na segunda votação foram apresentadas duas propostas. Em uma a Fenaj teria direito a 50% de um dia de salário e os outros 50% ficaria para o sindicato. Na outra seria 50% para a Fenaj e 40% para o sindicato. A primeira proposta saiu vencedora com 64 votos, que de acordo com o regimento aprovado pela plenária, correspondeu a maioria simples. Para os jornalistas autônomos ou free lancer, foi decidido o recolhimento de um dia de salário correspondente ao piso do mês. Esta quantia será rateada entre a Fenaj e o sindicato. O desconto da contribuição será em março, facultativa e com direito a devolução.

Também foi votada a formação do "sindicatão", um sindicato que reúna a nível estadual trabalhadores da área de comunicação. A tese de apoio a este tema, defendida pelo jornalista e secretário da Fenaj, Freitas Neto, revive a vitória da greve dos gráficos, radialistas e jornalistas em Recife. A greve ocorreu nos meses de junho e julho do mesmo ano. Segundo Freitas, mostrou que funciona na prática um embrião de um sindicato unificado.

A plenária aprovou a formação do "sindicatão", apenas nos estados onde o processo já esteja mais adiantado, pois há Estados em que as classes ainda não chegaram a um consenso. Mas, onde não for possível a implantação do sindicato único, serão criadas Intercons. Junto com o "sindicatão" foram aprovados encaminhamentos como um segundo encontro de profissionais de comunicação onde será elaborado um estatuto para o sindicato unificado.

Aquele antigo
palavrão sempre
volta: "pelego!"

Sábado, debates muito acalorados

Christiane Balbys

Quem nunca participou de uma assembleia de jornalistas teve o direito de se assustar com o verdadeiro "quebra-pau" que aconteceu na sexta e no sábado à tarde durante o debate e a votação sobre conjuntura e principalmente ação sindical.

No decorrer dos apresentações das teses foram intercaladas algumas discussões como a prostituição e o porte de arma para líderes ameaçados de morte. Mas, só serviram para arrancar risadas e comentários dissonantes da platéia. Depois o presidente da Fenaj, Armando Rollemberg exaltou-se diante de declarações que colocavam em dúvida o papel desempenhado pela Federação Nacional dos Jornalistas. Discursando aos "berros", respondeu a muitas acusações que a entidade vem sofrendo dos próprios jornalistas. afirmou que ele mesmo como presidente esteve em várias redações como a do "Estado" e da "Folha". Ao contrário do que falam sobre a presença da Federação nas redações. Relembrou a participação da Fenaj na campanha pela regulamentação do atualmente ameaçado diploma para jornalistas e pela unificação da data-base. Rollemberg finalizou dizendo que não deixará jamais que a Fenaj morra, com ou sem imposto sindical.

No sábado à tarde a votação teve que ser suspensa antes que as agressões deixassem de ser apenas morais para serem físicas. Dois delegados quase se "atracaram" porque um chamou o outro de "pelego". Na sexta-feira o presidente da mesa, Américo Antunes, do sindicato de Minas Gerais, teve que interromper por várias vezes os discursos dos companheiros delegados para pedir silêncio aos presentes que não demonstravam interesse pela leitura das teses que eles teriam que votar depois. A reunião que já começou com um atraso de mais de uma hora teve dificuldades em seu andamento devido ao comportamento primário dos participantes.

SOCIAL

Cachaça, manga, pitanga e um feliz 1995

Marli Henicka

Reportagem ao estilo de Ricardo Kotscho e Gilberto Dimenstein, licores, aguardente e esperanças de finalmente "ser feliz", sem medo, em 1995, foram as atrações da manhã de sexta-feira, no lançamento do livro *A Aventura da Reportagem*, de Gilberto Dimenstein e Ricardo Kotscho.

Ao sabor de licores de manga e pitanga e uma "ardida" aguardente, Ricardo Kotscho, um dos autores do livro, durante uma hora e meia autografou mais de 100 livros. Em todas as dedicatórias, desejou a seus leitores um "Feliz 1995", referindo-se ao final do governo Collor e ao ano da posse do novo Presidente da República.

A pedido da editora Summus, Gilberto Dimenstein e Ricardo Kotscho, dois dos mais importantes repórteres brasileiros, reuniram nas 99 páginas do livro suas experiências e aventuras na arte da reportagem. O livro é dividido em duas partes e a primeira, "As armadilhas do Poder", escrita por Dimenstein, fala sobre a vivência dele como repórter nos bastidores do poder em Brasília. Na outra parte, "No olho da rua - do Golpe de 64 à campanha Lula", Kotscho faz um balanço dos seus 25 anos como jornalista.

Gilberto Dimenstein é repórter da Folha de São Paulo e reconhecido como um dos mais importantes jornalistas investi-



Fora dos debates, o tal de intercâmbio de informações...

gativos do país.

Ganhou vários prêmios de jornalismo, dentre eles o Líbero Badaró por duas vezes, em 1989 e 1990. Ricardo Kotscho trabalha como repórter especial no *Jornal do Brasil*, sucursal de São Paulo, e tem treze livros publicados. Ele também foi assessor de imprensa da campanha presidencial de Lula no não passado.

"O livro não tem a intenção de ser didático e sim apenas um registro das nossas experiências como repórteres," diz Kotscho.

Didático ou não, Dimenstein e Kotscho parece que têm muito a ensinar. Prova disso é que a maioria dos mais de 300 participantes do Congresso comprou o livro e ficou horas na fila de autógrafos, todos interessados em viver *A AVENTURA DA REPORTAGEM*. Afinal, como diz Clóvis Rossi no prefácio, "que me desculpem Vinícius de Moraes, os editores e os redatores, mas repórter é fundamental."



Lançamentos, cumprimentos e autógrafos no hall do Congresso

Jornalistas à procura dos Manuais

Durante todo o 24º Congresso Nacional de Jornalistas, sediado no Hotel Castellar, duas livrarias (Livros e Livros e Caca Fresca) expuseram centenas de livros envolvendo os mais variados temas sobre jornalismo e comunicação.

Os livros mais procurados foram os

Exemplares do Manual de Redação e Estilo, do *Jornal O Estado de São Paulo*, Manual de Estilo, da Editora Abril e *A História Secreta da Rede Globo*, de Daniel Herz. Porém, o livro mais vendido foi "A Aventura da Reportagem", de Gilberto Dimenstein e Ricardo Kotscho, que durante o encontro deu uma sessão de autógrafos para os leitores.

Jornais de Minas Geras (Pauta), da Universidade Federal de Santa Catarina (Zero) e circulares de outros estados, como Alagoas, foram distribuídos durante o congresso, trazendo informações e propostas de cada estado participante. (Márcia Paula Pereira).

A COLUNA

Na abertura do Congresso Frei Beto foi muito aplaudido ao propor que os jornalistas substituam os manuais de redação pelos manuais de ética. Ainda assim a editora Livros e Livros indicou um dos títulos mais vendidos durante o Congresso. Trata-se do *Manual de Redação e Estilo de 'O Estado de São Paulo'* — organizado por Eduardo Martins.

No coquetel de abertura alguns estudantes de jornalismo foram impedidos de tomar a água mineral que acompanhava o uísque na bandeja de um garçom velho e bem vestido. Ele disse que a água era para ser servida junto ao uísque e estava destinada a convidados especiais.

Também durante o coquetel da abertura do Congresso houve a apresentação de um grupo folclórico italo-brasileiro que distribuiu medalhinhas às autoridades presentes. Muitos não suportaram as "canzoni italiani" e avançaram nos comes e bebes.

Ricardo Kotscho se tornou a atração do Congresso, mas não perdeu sua simplicidade e bom humor. Enquanto aguardava que o equipamento de televisão fosse montado para a entrevista que daria à universidade, ele tranqüilizou a repórter dizendo: "Agora eu posso ser político pois já sei falar na televisão". E acrescentou: "Vou convidar o Lula para ser meu assessor." (K. V.)



A tele-repórter Rosane Porto estréia look Zélia trajando *tailleur* em tom pastel, no cocktail de abertura.

A festa alemã de quinta-feira no Lira Tênis Clube, uma simulação da Oktoberfest, fez o pessoal suar a camisa de tanto dançar. A Banda do Caneco, de Blumenau, começou a tocar às 22h e o jantar foi servido uma hora depois. A noite, patrocinada pela Santur, foi tipicamente germânica, com muita salsicha, purê de batata, chucrute e chopp.

De início as pessoas estavam tímidas com as canções alemãs, e só invadiram a pista quando a banda começou a tocar lambada e músicas da Xuxa. Cerca de 400 pessoas consumiram 800 litros de chopp e a festa foi até às 3h da madrugada com pedidos de bis. (Kátia Klock)

DECISÕES

Jornalistas querem se auto-regulamentar

Pedro Saraiva

O 24º Congresso Nacional dos Jornalistas se posicionou frontalmente contrário ao projeto de lei presidencial que retira do Ministério do Trabalho a responsabilidade de emitir e controlar os registros profissionais de várias categorias, entre elas o jornalismo, sem determinar quem passaria a exercer esta função. No entender dos jornalistas, caso o Senado e a Câmara Federal venham a aprovar o projeto assinado por Collor na quarta-feira, 31, a exigência do diploma para o exercício da profissão estará legalmente abolida. Para evitar que esta ameaça se concretize, os jornalistas vão apresentar emenda a proposta governamental garantindo que a atividade de conceder e controlar os registros da categoria fique a cargo do Conselho Nacional dos Jornalistas, órgão que será criado e estruturado para este fim.

Na verdade, este Conselho que cuidará dos registros já visa tam-

bém a união das lutas dos trabalhadores em comunicação (radialistas, gráficos, jornalistas e etc.), em consonância com a proposta de um sindicato único. Durante o processo de estruturação do Conselho, os jornalistas buscarão a participação das demais categorias de maneira que todas se congreguem nesta entidade.

Além da emenda e do Conselho, a resistência ao projeto de Collor inclui uma campanha publicitária para esclarecer a sociedade e mobilizar a categoria em torno do problema. Também está prevista a formação de um fundo nacional de mobilização e a realização de assembleias estaduais para discutir a questão.

De toda a forma, é bom lembrar que o projeto de lei é, por enquanto, apenas um projeto. Ou seja, tanto os registros continuam a ser concedidos pelo Ministério do Trabalho como o diploma permanece como exigência para se atuar como jornalista.

Comissão de Assessores repreende porta-voz

O 24º Congresso Nacional dos Jornalistas aprovou a criação da Comissão Nacional dos Jornalistas em Assessoria de Imprensa, que terá a responsabilidade de encaminhar as reivindicações, resoluções e lutas dos profissionais que atuam neste setor. A comissão foi idealizada durante o 4º Encontro Nacional dos Jornalistas em Assessoria de Imprensa (realizado de 25 a 28 de setembro em Canela, Rio Grande do Sul) e agora, referendada pelo Congresso Nacional, começa a atuar.

Já durante o congresso, a comissão se reuniu três vezes para traçar sua linha de ação. Em uma destas reuniões compareceram todos os assessores de imprensa que estavam presentes no congresso e foi feita uma radiografia da situação dos jornalistas em A.I. nos estados. Nesta análise se levou em consideração três pontos considerados básicos pela comissão: 1 — se quem trabalha na área possui registro profissional; 2 — se a jornada de trabalho de cinco horas é respeitada; 3 — se existe ou não uma comissão estadual de jornalistas em A.I. Segundo Luciane Schommer, da comissão do Rio Grande do Sul, o resultado desta "radiografia" é a constatação de que os profissionais que atuam em A.I. não estão absolutamente mobilizados e que a categoria é das mais legais.

A propósito, a comissão nacional já se organizou para repreender um dos assessores de imprensa mais conhecidos do país, o porta-voz do Presidente Collor, Cláudio Humberto Rosa e Silva — por atitudes antiprofissionais.

(Pedro Saraiva)

Demissões na Bahia

O 24º Congresso Nacional dos Jornalistas aprovou também um moção de repúdio à demissão de três profissionais da sucursal do Jornal do Brasil na Bahia, na última quarta-feira, 31 de outubro. A demissão aconteceu após reunião do presidente do JB, Nascimento Brito, e do Editor Chefe, Marcos Sá Correa, com o governador eleito da Bahia Antônio Carlos Magalhães (PFL) e justificada aos jornalistas como "reformulação do quadro para mudança de linha editorial".

Raimundo Lima, chefe da sucursal há dois anos e ex-presidente do sindicato dos Jornalistas da Bahia entre 85 e 88, afirma que Nascimento Brito, depois da reunião com o governador eleito, disse ao gerente comercial Paulo Marques que o JB "dará total e irrestrito apoio a Antônio Carlos Magalhães". As demissões chegaram menos de uma semana depois da reunião.

A "reformulação da linha editorial", diz Raimundo, prevê o "enxugamento de quadros também em outros estados". Na Bahia, a partir da quinta-feira, os três repórteres foram substituídos por dois jornalistas que trabalhavam no Rio de Janeiro e que, a partir de então, atuariam como "correspondentes" do JB em Salvador, com salários menores que os dos demitidos. Da equipe da sucursal, restou só o fotógrafo que, a propósito, diz Raimundo, votou em Antônio Carlos Magalhães em 3 de outubro.

Jacques Mick

Carta de Florianópolis

Os jornalistas brasileiros, reunidos em seu 24º Congresso Nacional, realizado em Florianópolis, de 31 de outubro a 4 de novembro, com a participação de delegados eleitos em 25 sindicatos da categoria, repudiam o projeto de lei do governo, enviado à Câmara Federal, que extingue o registro de jornalista profissional e de outras 14 profissões.

A retirada do registro do Ministério do Trabalho sem passar essa atribuição às entidades dos trabalhadores, atende aos interesses de setores do patronato e da elite brasileira, a quem não interessa discutir a democratização dos meios de comunicação e a ética jornalística.

Ao contrário do que afirmaram alguns órgãos de imprensa, em flagrante desrespeito para com os fatos, este Congresso reafirma que continua em vigor toda a legislação que regulamenta a profissão de jornalista. Os sindicatos, ao mesmo tempo em que vão intensificar a fiscalização do exercício irregular, esperam do Congresso Nacional uma resposta vigorosa contra mais este atentado à organização dos trabalhadores.

No momento em que se discute nos principais parlamentos das nações democráticas, projetos para o controle da informação pela sociedade civil, a exemplo do que começam a fazer os jornalistas brasileiros e importantes setores da sociedade, o governo envia ao Congresso Nacional um projeto com o objetivo de desorganizar a categoria e evitar que se discuta, em todo o país, mecanismos de defesa contra a manipulação política e ideológica dos meios de comunicação.

Os monopólios da comunicação são representantes diretos de uma elite que não cede um milímetro do que possui, o que explica porque a oitava economia do ocidente tem mais de 50 milhões de pessoas passando fome — segundo relatório da FAO.

Os desafios da sociedade brasileira são enormes e urgentes. O projeto neoliberal do governo Collor aprofundou a crise, arrochou os salários, aumentou o desemprego e implementou, por medidas autoritárias — algumas inconstitucionais, outras casuísticas — decisões que atingem setores estratégicos para o desenvolvimento do país e relegam ao abandono questões fundamentais que afligem o povo brasileiro.

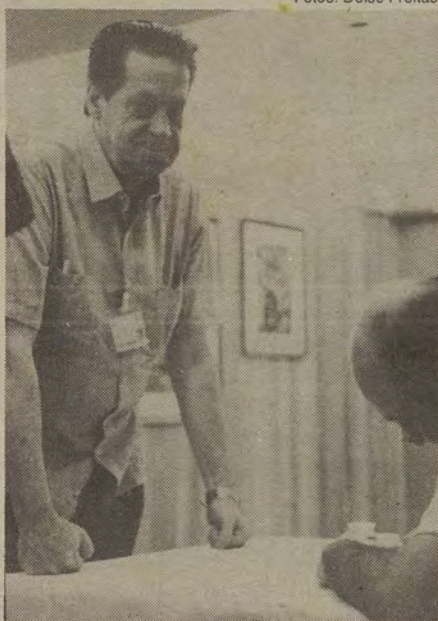
O 24º Congresso responde aos desafios do movimento sindical brasileiro com a decisão de intensificar a luta dos trabalhadores em comunicação, através da criação de intersindicais até que se consolide uma entidade nacional.

FOTOJORNALISMO

Lauro Maeda

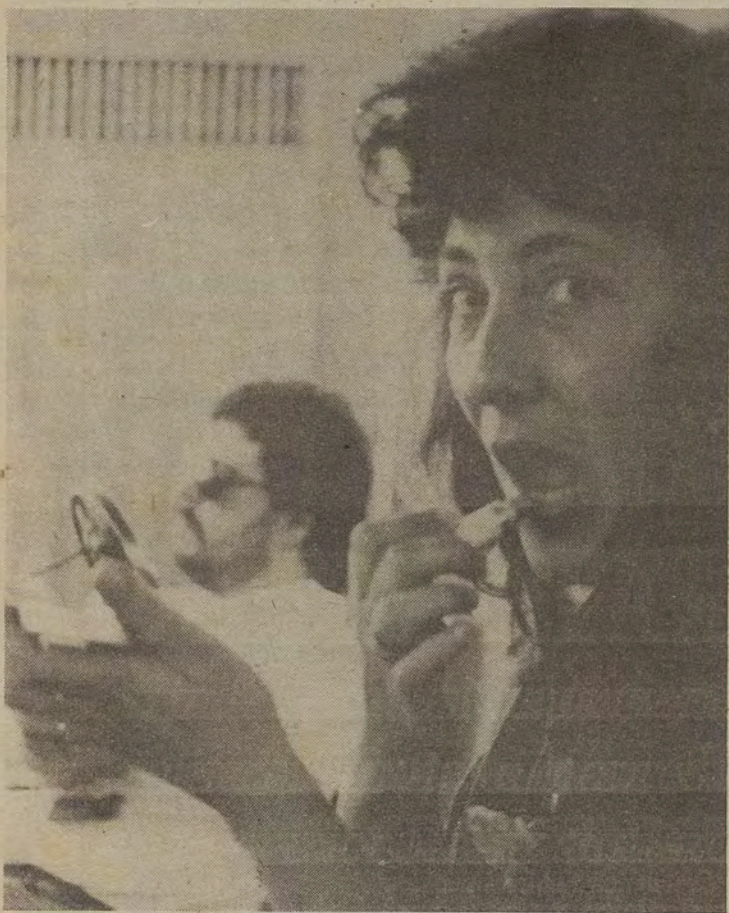


Fotos: Deise Freitas



Acima, Perseu "arrancando" um autógrafo e à direita o legendário Freitas Neto pronto para atacar. A colega da esquerda, cuidadosa, também se prepara.

As raízes culturais são evidentes



O Zero sendo fechado: acima, a turma da diagramação e nas três fotos abaixo, uma legítima testemunha ocular da história, Jacques Mick, o repórter, com Kotscho, Fon e José Hamilton Ribeiro.

